



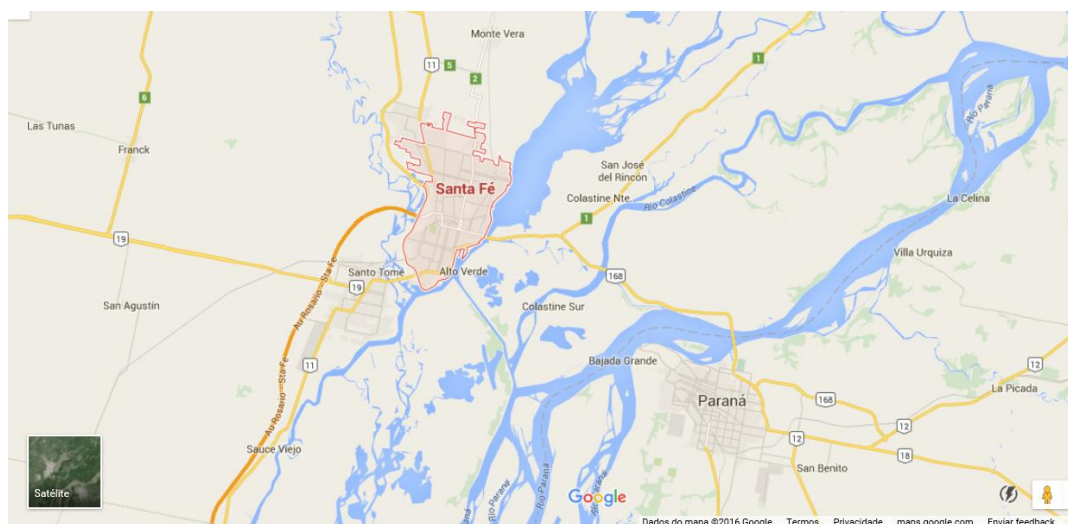
EXPEDIÇÃO AO CONE SUL

4. SANTA FÉ, A DA ARGENTINA

Na Wikipédia, tem a história de quarenta localidades diferentes – municípios, pueblos, distritos, províncias – que levam o nome de Santa Fé. Colocando a expressão no Google, aparecem dezenas de referências à adoção desta nomenclatura para designar lugares no mundo, mas aqui vou escrever um pouco sobre *Santa Fé*, capital da província de mesmo nome, na Argentina.

O município tem quase 400 mil habitantes e contando a população de sua aglomeração mais aquela polarizada pela cidade de *Paraná*, à qual *Santa Fé* está ligada por um túnel que passa por baixo do Rio Paraná, o conjunto demográfico atinge 850 mil habitantes.

Este conjunto urbano tem uma posição urbana muito bonita, porque este grande rio, os denominados *Santa Fé* e *Salado*, que ladeiam o sítio urbano, como a *Laguna Setúbal*, compõem uma amálgama em que as cidades e as águas se interpenetram e são indissociáveis.



Foi fundada no século XVI (1573) e exerceu papel importante de ligação entre o Rio da Prata, o Chile, o Paraguai e o Alto Perú, hoje Bolívia. A situação geográfica entre rios não é, assim, casual, mas a própria razão de sua origem.

Voltar a Santa Fé foi uma experiência interessante. Eu tinha estado nesta cidade, em setembro de 2014, para uma missão de docência e pesquisa na Universidad Nacional del Litoral, cuja fachada da Reitoria está na foto antiga que se segue.



Fonte: http://www.unl.edu.ar/img/articles/134_Fachada_principal_del_edificio_del_R_medium.jpg

No entanto, o que mais estava marcado em minha memória foi a primeira vez que estive em Santa Fé, no final de 1982 e começo de 1983, quando fomos padrinhos de casamento de nossos grandes amigos Luiza e Horário. Ela brasileira, que eu conheci no ginásio e cuja amizade perdura por 47 anos. Ele argentino, que viemos a conhecer por intermédio dela e que, rapidamente, se integrou a nós. Não é sempre que nossos amigos têm parceiros com os quais nos damos muito bem ou que os nossos próprios parceiros agradem totalmente nossos amigos. Neste caso, foi tudo perfeito: a amizade que vinha da adolescência foi fortalecida com os casamentos que nós duas fizemos, tanto que fomos padrinhos deles e eles batizaram nosso segundo filho, Ítalo.

Foi um casamento muito especial, numa linda igrejinha branca que, agora, não conseguimos localizar onde está. A cerimônia ocorreu por volta de 22h do dia 31 de dezembro, de modo que, à meia noite, no momento da passagem do ano, já estávamos na festa que foi realizada nos jardins da casa da avó do noivo.

Ocorreu neste dia um fato muito peculiar. O calor era intenso e, assim que chegamos a esta casa, de modo *muy gentil*, expressão que os argentinos usam muito, começaram a servir o que eu presumia ser um suco de frutas vermelhas. As jarras transpiravam o gelo que tornava a bebida adoravelmente refrescante para nosso filho Caio de um ano e quatro meses, razão pela qual, tomado o primeiro copo, ele quis logo um segundo e um terceiro. Somente em seguida resolvi, eu mesma me refrescar e, então, percebi que o suco era um poncho bem nutrido com vinho branco.

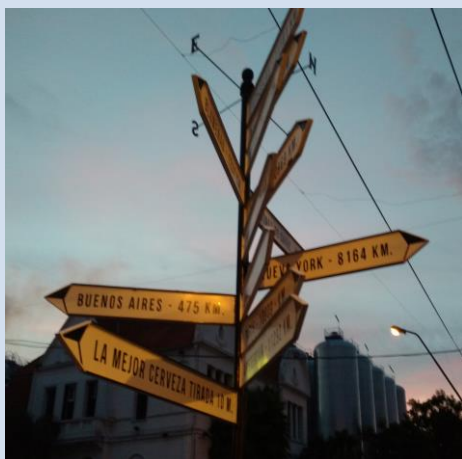
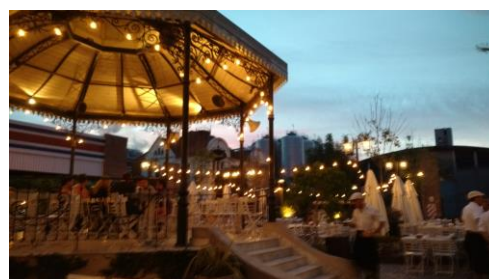
Foi assim que nosso filho tomou o primeiro porre de sua vida e foi o acontecimento da festa. Os mais jovens se riam de uma criancinha vestida para festa (calça preta, camisa branca, sapatos de verniz amarradinhos com cardaço e gravata borboleta) que andava tropicando as pernas, abrindo os bracinhos e rindo sem parar para todo mundo. Os mais velhos, entre elas as mães e tias dos noivos, me deram uma boa bronca, como se eu tivesse dado a bebida sabendo que era alcoólica. Ficamos, Eliseu e eu, nos revezando durante toda a noite para ver se ele estava bem, se respirava normalmente, se não tinha nada de diferente, porque dormiu, sem interrupção nem para a gostosa

mamadeira, por mais de 10 horas.

O que decorreu, no futuro, deste insólito fato é que perdi totalmente a moral para recomendar, na juventude de meu filho, que ele não bebesse muito em festas ou encontros de amigos. Vinha sempre a brincadeira: “Mas, mãe, se você mesma me embebedou quanto eu tinha um ano de idade?” Reforçava-se, assim, a lembrança de uma destas histórias que repetimos tantas vezes nas conversas na família e entre amigos, as quais podem soar extremamente casantivas para alguns (pelo reiteração constante), mas podem ser muito significativas para os que a vivem, porque representam pequenos pontos pitorescos no longo caminho da vida (que frase piegas!).

Sobre Santa Fé, eu tinha outra lembrança associada à bebida alcoólica. Nosso amigo Horácio havia nos levado a uma cervejaria, com um pátio em que as mesas estavam lotadas de pessoas. O ponto algo deste bar era servir o chopp (aqui eles não usam esta denominação, mas sempre *cerveza*) diretamente extraído da canalização que vinha da fábrica ao lado.

Não sei dizer se está na mesma localização ou se a *Fábrica de Cervezas Santa Fé* mudou de endereço, o que parece mais provável, porque as novas instalações de serviço ao público são modernas, amplas e agora ligadas ao setor da fabricação por um duto (*cervezoducto*) que atravessa a rua. Com o calor que tínhamos na noite de 3 de janeiro de 2015 não demorou muito tempo, após nossa chegada, para o pátio ficar cheio e até eu, que não gosto de cerveja, tomar dois copos pequenos bem geladinhos. Vejam aí, nas fotos, o espaço da cervejaria, as homenagens feitas ao digno Sr Otto que foi quem trouxe a cerveja da Alemanha para Santa Fé e o Eliseu curtindo o seu copo quase jarra.





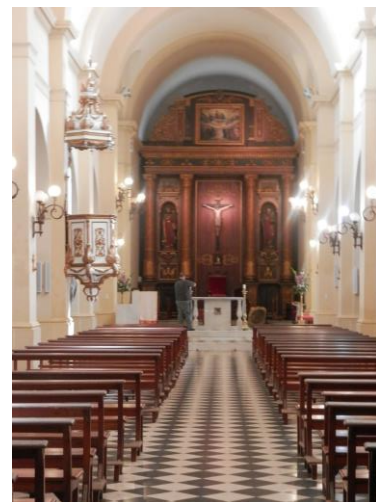
O centro histórico da cidade tem um patrimônio arquitetônico importante. O core deste espaço é a Plaza 25 de Mayo, em torno da qual se estrutura o coração da cidade do período colonial. É uma praça que tem influência do urbanismo português já que têm árvores e bancos, mas se observando- o conjunto ela é muito efetivamente uma *plaza mayor* típica das que estão nas cidades espanholas, em torno das quais os diferentes poderes constituídos se estabelecem. Ao sul, a Casa de Gobierno, onde foi assinada a Constituição argentina de 1853, que correspondia a uma grande

confederação, da qual ainda não fazia parte o Estado de Buenos Aires. A oeste está o bonito edifício onde funciona o Poder Judiciário.





De outro lado (face norte da praça), está a Catedral de Santa Fé, que é bonitinha, mas não tem a suntuosidade das grandes igrejas que dominam os centros históricos de várias cidades espanholas. Seu interior é simples, sem muito adornos, sem folheação a ouro e com um altar singelo.

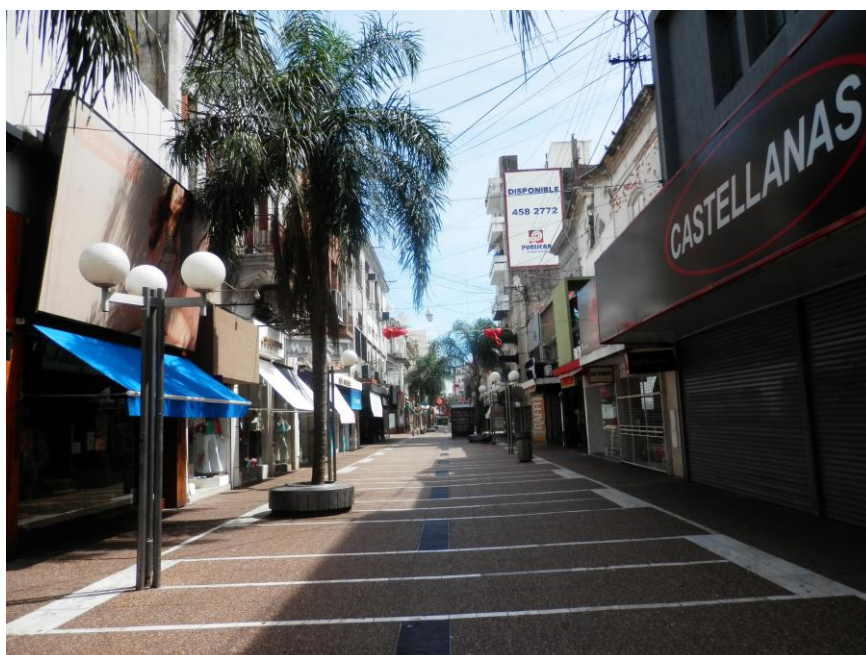


Por último, na face leste, está o Colégio de la Inmaculada Concepción (onde antes fora um convento) e a pequena Iglesia Nuestra Señora de los Milagros, da segunda metade do século XVII, que não pudemos visitar, porque estava fechada. Em alguns espaços públicos de Santa Fé há, atualmente, referência ao período em que o Papa Francisco I

viveu nesta cidade, com indicação de que ele rezava nesta igreja e ensinou neste colégio.



Esta praça liga-se ao centro principal da cidade atual, onde estão os bancos e o comércio mais diversificado, pela Calle San Martin, que tem vários quarteirões funcionando como rua de pedestres. Estava quase tudo fechado na manhã de domingo, mas havia uns e outros, como nós, que caminhavam olhando vitrines e parando para um café.



Nesta mesma via está localizado o *Restorante (sic) España*, o único indicado pelo Guia Visual, e que tem um centenário de funcionamento. O prédio com seus espelhos, mesas clássicas e paredes com afrescos é bem bonito, mas o leitor não imagina a cor dos estofados das cadeiras, o falta de translucidez das taças de vinho mal lavadas e o desânimo dos garçons. Tudo levava a nos sentirmos parados em algum ponto da

primeira metade do século XX, sem que ninguém tenha se preocupado em espantar a poeira do tempo, no sentido simbólico, e a que se acumulou nas últimas semanas, no sentido concreto. O enorme bife de lomo que tinha o tamanho de meio prato, tostadinho por fora e sangrando no bom ponto por dentro, foi suficiente para esquecer a falta de limpeza.

O passeio pela Avenida Constanera, num domingo, foi bom para ver o quanto as pessoas aproveitam esta beira rio-laguna. Alguns caminhavam a pé, outros tomavam tereré e conversavam à sombra das árvores e outros, como nós, olhávamos assustados para o nível do rio (que estava já atingindo o pequeno muro – vejam na foto da esquerda) e para a força das águas, que formavam ondas com as de mar.



Fonte da primeira foto do texto: http://www.turismoenfotos.com/archivos/temp/1441/1366_1222444787_fotoampliada18va.jpg

Carminha Beltrão

Janeiro de 2016